

O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,
Em que o Sol pelos campos dilatados.
Com terrivel e fera galhardia
Desasete mil peitos vio armados.

[Poema Epitalâmio de Manoel de Gallegos. Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSÁVEL, DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.	PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.	E COM ESTAMPILHAS.
Por um anno..... 2\$400	Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os srs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.	Por um anno 2\$920
Por seis mezes..... 1\$200	Os annuncios e correspondencias, devem ser remettidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.	Por seis mezes 1\$460
Por tres mezes..... \$600	Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.	Por tres mezes \$730
		Para o Estrangeiro-acresce o porte.

EXPEDIENTE.



Rogamos aos nossos assignantes que estão em divida, se dignem mandar satisfazer a importancia de suas assignaturas.

Os srs. assignantes de Fafe e immedições podem entregar ao nosso amigo e assignante sr. João Bernardino Rodrigues Dourado, Escrivão de Direito naquella Comarca, que se acha authorisado para passar os competentes recibos.

BARCELLOS 9 DE ABRIL.

Segundo se vê da linguagem de alguns dos principaes periodicos de Madrid, o iberismo anda ali muito exaltado, e os que sonham com a união, impossivel, de Portugal e Hespanha, aproveitam quanto a paixão politica por cá exaggera, afigurando o paiz n'um quasi cataclismo, para assim fazerem valer aos olhos da Europa culta a necessidade d'essa união.

Não sabemos se isto é para nós um bem ou um mal; porém inclinamo-nos a acreditar, que mais devemos ganhar que perder com aquella exaltação, que deve ter por effeito immediato despertar o espirito publico em Portugal, e fazer reviver os brios nacionaes, para que o amor da patria prevaleça a todas as paixões menos legitimas.

O espirito partidario tem suffocado as aspirações patrioticas, e d'ahi vem que todas as opposições, sem excepção, com o fim de guerrear o governo que pertendem supplantar, pintam as diversas situações com as mais feias côres, e proclamam alto e bom som, que caminhamos para a banca-rôta, que não temos justiça, que não temos segurança publica, que não temos administração; que a corrupção e a immoralidade campeam altanei-

ras por todo o paiz; finalmente, que a sociedade portugueza recua aos tempos primitivos de barbarie!!

Entre nós já todos sabem o que significam e valem essas declarações, inspiradas pela paixão partidaria, lançadas á imprensa hoje por uns, amanhã por outros.

Porém lá fóra, e sobre tudo para aquelles que desejam sumir com uma nacionalidade de sete seculos, a historia cujas glorias lhes recordam revezes, valem muito essas exaggerações, que reproduzem nos seus jornaes, com intento bem facil de comprehender. Mas é por isso mesmo que nos deve servir de aviso.

O nosso paiz não está em tão prosperas condições como podia e devia estar, pela riqueza do seu sólo tão invejado e ambicionado; porém acreditamos, que ainda assim nada temos que invejar ao povo hespanhol, que por certo trocaria os bens que gosa, pelos que frue o povo portuguez. A alguns hespanhoes illustrados e sinceros o temos ouvido. Digam o que disserem os pessimistas, a civilisação popular tem entre nós feito mais, e mais rapidos progressos. Quasi que não temos exercito, e com tudo, n'um igual espaço de tempo, é maior o numero de crimes em qualquer das mais pequenas provincias hespanholas, do que em todo Portugal. Comparada a liberdade politica de que um e outro paiz gosa, toda a vantagem é nossa, e isento de comparação o instincto sanguinario que domina nos hespanhoes. As finanças em Portugal, não estão ainda regeneradas, porém parece-nos que o estado das da nação visinha não é mais lisongeiro, com quanto ali seja ainda mais pesado o imposto.

Desde 1851, que os vencimentos de todos os funcionarios publicos, em Portugal, são pagos em dia. Não ha noticia de que em Hes-

panha tenham gosado por tanto tempo igual beneficio. A união, por tanto, além de repugnante aos portuguezes de todas as classes e condições, teria para Portugal o inconveniente gravissimo, de lhe peorar o estado. E' uma união impossivel.

A todos os bons filhos desta terra, cumpre mostrar pelos seus brios patrioticos, pela reunião dos seus esforços a bem da causa nacional, que Portugal ainda que pequeno em territorio, é grande nos brios e nas aspirações, e digno da sua independencia.

A imprensa das provincias é a curadora mais legitima e authorisada dos interesses dos povos, e a sua voz deve por isso levantar-se energica, para aconselhar a todos, que dos erros passados tomem lição, e curem d'aproveitar o ensejo que os acontecimentos produziram, para mostrar que ha vida nacional neste paiz, e que Portugal sabe e deve ser nação livre e independente.

PARTE OFFICIAL.

MINISTERIO DOS NEGOCIOS DA FAZENDA.

Secretaria d'estado — 1.ª Repartição.

Dom Pedro, por graça de Deos, Rei de Portugal e dos Algarves, etc. Fazemos saber a todos os nossos subditos, que as côrtes geraes decretaram e nós queremos a lei seguinte:

Artigo 1.º E' o governo authorisado a pôr á disposição de Sua Magestade El Rei o Senhor D. Fernando, como tutor da Serenissima Senhora Infanta D. Antonia sua augusta filha e de Sua Magestade a Rainha a Senhora D. Maria II. de mui saudosa recordação, a quantia de 30:000\$000 reis para o enxoval do casamento da mesma Serenissima Senhora Infanta, com sua alteza o principe Leopoldo, filho primogenito de sua alteza o principe de Hohenzollern Sigmaringen, e outras despezas que costumam ter logar por occasião do casamento, de tão altas personagens.

Art. 2.º E' o governo igualmente au-

thorizado a pôr á disposição da mesma Serenissima Senhora Infanta D. Antonia, para seu dote, logo que tenha logar a celebração do seu casamento com sua alteza o principe Leopoldo, a quantia de reis 90:000\$000

Art. 3.º O governo levantará estas quantias, importantes em 120:000\$000 rs., pelos meios que julgar mais convenientes.

Art. 4.º Desde o dia em que Sua Alteza a Serenissima Senhora Infanta D. Antonia celebrar o seu casamento, cessarão os alimentos que lhe estão estabelecidos.

Art. 5.º Fica revogada a legislação em contrario.

Mandamos portanto, etc.

O conselheiro d'Estado, ministro e secretario d'Estado dos negocios da fazenda, a faça imprimir, publicar e correr. Dada no Paço das Necessidades, aos 30 de Março de 1861. — EL-REI, com rubrica e guarda. — Antonio José d'Avila. — Logar do sello grande das armas reaes.

Carta de lei, etc.

Não devemos privar os nossos leitores de verem na sua integra a correspondencia de Madrid de 30 de Março á «Revolução de Setembro».

MADRID, 30 DE MARÇO DE 1861.

Meu amigo. O meeting do Rocio e o que se lhe seguiu até á dissolução da camara, despertou aqui a idéa da união iberica. Não só os periodicos da opposição escreveram a este respeito diversos artigos, mas até o *Constitucional*, jornal ministerial, hasteou a bandeira do iberismo, com a unica differença de lhe pôr tres flores de liz, quer dizer, com a declaração de que a dynastia reinante no caso de união seria a de Bourbon.

Os que propagam estas doutrinas sabem que a rainha de Hespanha lhes é contraria, e que o rei de Portugal lhes não é favoravel. Que importa?! Não ignoram que os amigos do direito hereditario as não approvam, e que os defensores do direito popular as regeitam. Bagatella! Conhecem que os portuguezes não querem tal união, e que os hespanhoes sensatos a reprovam. Que tem isso?! Estão convencidos de que a Europa não consentirá em que se faça violencia aos portuguezes. Que vale a Europa em comparação com as forças dos fautores do iberismo?!

Não indagam, se ha elementos de união entre dois povos que não se conhecem. Não attendem á pouca importancia das relações que existem entre os portuguezes e os hespanhoes. Não levam em conta a differença do caracter, dos costumes, e até dos preconceitos; não avaliam á diversidade das propensões politicas dos dois povos; não reparam em que falta na peninsula a reciprocidade do direito de nacionalidade que existe na Alemanha, e que existia na Italia ha muitos annos; e finalmente não lhes importa que a idéa iberica seja impopular em Portugal. Onde a persuasão não fór bastante, a força fará o resto.

Nem occultam já este desejo de conquista directa ou indirecta. Hontem dizia um periodico, que a Hespanha devia reduzir á sua pauta para chamar o commercio a Vigo e a Cadiz, porque dentro em pouco tempo ficariam na miseria os portos de Lisboa e Porto, e Portugal, nação das mais atrasadas da Europa, se veria obrigado a supplicar que o deixassem unir á Hespanha!

Este artigo que acabava com o conselho de nos matar á fome, começava por nos chamar irmãos de raça, de lingua, de religião, de costumes, e de não sei quantas coisas mais. Já se vê como o jornalismo hespanhol concebe o amor fraternal!

Mas realmente os hespanhoes não podem sonhar na união iberica se não por conquista. Procura-se em Hespanha um periodico portuguez, e não se encontra. Pede-se em uma loja de livros um volume portuguez, e não se pôde obter. Em Hespanha os nomes dos nossos melhores escripto-

res, e dos nossos homens mais distinctos, são inteiramente desconhecidos, e as alterações politicas de Portugal são explicadas com menos acerto do que as da China ou do Japão!

Os portuguezes são tratados aqui com uma certa sobrançeria que faz lembrar os reinados de Filippe III e Filippe IV. A maior parte dos hespanhoes mal pôde reprimir um certo sentimento de desconsideração para com os portuguezes, igual ao que elles têm pelos cidadãos da republica do Valle de Andorra, pelos republicanos de S. Marino, ou pelos subditos do principe de Monaco.

Os hespanhoes, cujo orgulho é proverbial em toda a Europa, e que não admittem em these a superioridade da França nem da Inglaterra, com quanto em hypothese a não possam negar, chamam-nos *finchados*, e o menor acto de dignidade da nossa parte é tachado de soberba ridicula, e de amor proprio extravagante.

Para conhecer bem os sentimentos dos hespanhoes a nosso respeito, é necessario vir estudal-os aqui, e não se deixar illudir por phrases banaes, e por actos de polidez, inferiores todavia aos que são de uso em outras nações. E' mister igualmente não acreditar que a afeição sincera e desinteressada que nos consagram homens como D. Manoel de la Concha, D. Francisco de Lujan, D. Faundo Infante, D. Antonio Gonzales, D. Joaquim Francisco Pacheco, e alguns outros, seja geral em toda a Hespanha.

E' pois evidente, que em taes circumstancias a união iberica só pôde ser levada ao cabo por conquista directa ou indirecta, e que esta opinião é hoje a mais seguida em Hespanha por muitas razões que é facil descobrir.

A hespanha aspira a ser potencia de primeira ordem. Tem razão. Com 18 milhões de habitantes, e com a riqueza que possui, não é difficil. Antes causa admiração que não tenha tomado ha muito tempo o logar que de direito lhe compete nos conselhos da Europa. A Prussia é potencia de primeira ordem com menos razão, porque lhe faltam os elementos maritimos, e as riquezas colonias que a Hespanha conserva.

Para alcançar esta satisfação de amor proprio, aliás bem fundado, cuidam aqui que é indispensavel a união de Portugal, e a posse de Gibraltar. Realizados estes dois acontecimentos, a Hespanha será uma das primeiras nações da Europa. Este desejo já deu causa á discussão politica do congresso acerca da questão da Italia, discussão inutil, porque não será o governo hespanhol que ha de resolver as difficuldades da questão romana, e de Veneza, mas discussão agradavel aos hespanhoes, por ser imitação do parlamento inglez e francez.

O mesmo prurito de imitação incita os hespanhoes á conquista de Portugal; e tão cego é neste ponto o orgulho nacional, que não vê as differenças que existem entre a Italia, e a nossa peninsula! Em Italia os principes foram expulsos pelos seus proprio subditos, ou retiraram-se dos estados que governavam, por saberem que não eram amados. Em Portugal os subditos estão promptos a defender a dynastia, porque ella representa a independencia e a liberdade do reino. Na Italia os povos resgatados por Victor Manoel melhoraram de situação, libertaram-se dos estrangeiros, e recuperaram o governo liberal em logar do regimen austriaco-reaccionario que antes os opprimia. Em Portugal existe governo mais livre do que o hespanhol, nenhuma força estrangeira nos constringe, nenhum tratado injusto e oppressor nos prejudica, e a união não nos pôde dar beneficio que não gosemos ha muitos annos. Em Italia os governos cahidos levavam ao patibulo, mettiam nas masmorras, punham nas galés, ou condemnavam ao exilio os culpados politicos. Em Portugal a pena de morte por crimes dessa natureza foi abolida no acto addicional. Ortega, se fosse general portuguez, apesar da indignidade do seu proceder, como politico e como militar, não teria sido fuzilado.

A annexação de Portugal á Hespanha não poderá pois ser feita como a de Parma, de Florença e de Modena, nem como a dos estados Pontificios e a de Napoles. Se o exercito hespanhol entrasse em Portugal como o de Victor Manoel entrou nos dominios do papa, ou como Garibaldi invadiu a Sicilia e Napoles, não haveria no nosso exercito quem se unisse aos invasores, nem o que nos governa, se veria constringido pelo descontentamento dos seus subditos a ir encerrar-se no forte da Graça d'Elvas para fazer

alli uma capitulação como a de Gaeta. Os horrores de um mau governo não affastariam da dynastia portugueza as sympathias da Europa, e sem me dar por sabedor dos segredos dos gabinetes, não duvido afirmar que encontraríamos alliados para nos defenderem.

Mas os hespanhoes não attendem a isto. O Piemonte annexou outros estados; a Hespanha deve tambem annexar; assim como o seu congresso discutiu o que os outros parlamentos estavam discutindo!

Eu creio que o actual governo hespanhol não é cúmplice destes designios conquistadores, a que a guerra de Africa veio dar alento; mas a opinião geral procura exercer sobre elle uma pressão violenta pelo orgão dos jornaes, e accusa-o de falta de patriotismo por não conspirar contra a independencia de Portugal. Se continuar a desenvolver-se esta idéa, não me parece que o governo tenha força para lhe ser indifferente. Ella invade já os periodicos ministeriaes, e nenhum hespanhol accêita a impopularidade de lhe responder. Não sei o effeito que esta mania hespanhola causará em Portugal, mas posso dizer a sensação que me produz em mim. Sempre entendi que deviamos ser amigos e alliados da Hespanha, e agradava-me a idéa de que por esta aliança nos livrassemos da influencia franceza e ingleza nem sempre desinteressada, e muitas vezes dura e injusta. Nesse sentido vi com praser a Italia organizar-se em nacionalidade forte, porque me quer parecer que para o futuro alli podemos ter um aliado mais desinteressado do que nenhum dos outros. Hoje vejo que me enganei no que diz respeito á Hespanha.

Esta gente quer-nos collocar na situação de procurar alliados contra ella, e começa o seu engrandecimento actual querendo abusar da força contra os seus irmãos. Mau principio de grandeza e de prosperidade! E mais mau ainda, porque nem a situação actual da Hespanha, nem os sentimentos da Europa acerca da peninsula, consentem que ella se regenere á custa alheia.

A opinião geral em Hespanha é a este respeito pouco judiciosa, mas é geral, e já não falta quem discuta, se em caso de aggressão os portuguezes se defenderiam com coragem. Ha dias, em um jantar a que não assisti, tratava-se esta questão, e um amigo meu hespanhol observou que a julgar pelo tempo passado os portuguezes saberiam resistir aos hespanhoes. «Isso foi em outras eras, lhe respondeu um brigadeiro. Tambem «d'antes os moiros nos bateram sempre, e agora «aconteceu o contrario.» Sirva de aviso aos brigadeiros portuguezes que gostarem de brigar.

Deixemos este ponto, acerca do qual espero dizer a verdade aos hespanhoes aqui mesmo, e tratemos dos negocios serios da Europa.

De Roma, temos o texto da allocução, na qual sua santidade declára estar prompto a perdoar, mas não a transigir com o *progresso*, o *liberalismo* e a *civilização moderna*. São palavras formaes do discurso pronunciado pelo summo pontifice. Apesar de que estas phrases puramente politicas e profanas estão sujeitas a analyse, o respeito que professo pela pessoa do chefe da igreja me veda fallar sobre esse assumpto. E que mais poderia eu dizer que não esteja claro naquellas palavras de Pio IX? O resto da allocução é no mesmo estilo, tolerante e philosophico.

Faz contraste com este documento o discurso do conde de Cavour acerca da questão romana. O ministro italiano afirmou que era indispensavel que Roma fosse capital da Italia, mas que não podia fazer-se isto sem consentimento da França. Accrescentou mais, que nesse caso haveria completa separação do estado e da igreja, e que o papa seria respeitado pelo governo italiano, e cercado da afeição de todos os catholicos da peninsula. Este discurso moderadissimo na expressão, mostra que a sorte do poder temporal do pontifice depende da França, e que o gabinete italiano accêitará a solução que partir das Tulherias.

Em França, a opinião é muito hostil a Roma. Conhece-se facilmente pela exaggeração apaixonada de alguns prelados e dos deputados ultra-catholicos: e mesmo sem esse elemento de criterio, facil é ver que uma nação onde ha tantos protestantes, tantos israelitas e tão poderosos, e onde o sentimento religioso é mais superficial do que profundo, não pôde dar grande auxilio á causa do poder temporal do papa, maiormente es-

tando o governo de Roma ligado estreitamente com todos os reaccionarios da terra.

Eu não sou contrario ao poder temporal, mas não vejo como se possa conservar uma coisa que já não existe ha muito tempo. A questão hoje não é de tirar ao cardeal Antonelli o governo de Roma, a questão é de o transferir da mão do conde de Goyon para a de Victor Manoel. O papa como pontífice está em plena liberdade, como rei está em poder do imperador dos francezes. Tem a liberdade que tinha a regencia de Lisboa quando lord Beresford habitava o palacio do pateo do Saldanha. Quem não vê assim a questão de Roma, deseja enganar-se a si proprio.

A concentração de forças austriacas em Veneza e nas fronteiras do novo reino italiano, deu de si uma circular diplomatica em termos moderados, porém ha muito quem acredite que está imminente a guerra. Esta idéa é tão popular em Alemanha, que a minha familia que está em Stuttgart perguntava-me em carta recebida hontem, como havia de reunir-se comigo, porque alli era voz geral entre as pessoas mais circumspectas e elevadas, que a guerra ia rebentar dentro em 15 dias.

É possível, mas não vejo causa bastante poderosa para vencer a repugnancia que ha para sacrificar a uma luta terrivel os interesses materiaes e a civilisação do mundo inteiro. Pesará grande responsabilidade sobre o governo que começar a guerra. Entretanto a Italia prepara-se com força. A França está prompta. A Inglaterra tambem. A Prussia igualmente; e a Russia faz á Polonia todas as concessões para estar livre de embaraços na occasião da luta. Até a Belgica completa os seus preparativos. A Austria adopta o mesmo systema ácerca da Hungria.

Bom é que justiça seja feita aos povos oprimidos, e que lhes venha da mão dos soberanos, e não das convulsões demagogicas ou das tentativas revolucionarias. Se o fazem pelo receio da guerra é o mesmo, com tanto que o façam. Talvez não chegue a perturbar-se a paz, e com isso se alcançavam dois beneficios.

Os negocios da Dinamarca estão na mesma, e o doente turco sente differença nos sofrimentos, mas peora sempre. Essa é que me parece ser a questão grave, que a diplomacia mal poderá addiar, e que talvez não possa resolver, excepto se sobrevierem á Inglaterra novas complicações na India, o que é possível e mesmo provavel. Ah! ha maiores difficuldades do que as da Italia. Nada mais ha de novo. Aqui andam á espera de um discurso opposicionista de D. Antonio Rios Rosas no congresso, e de outro do mesmo genero no senado ácerca dos negocios do Mexico por Pacheco. Veremos.

O discurso de Pacheco ha de ser curioso, maiormente se vier a explicar-se o projecto de fundar uma monarchia no Mexico com um principe hespanhol. Este throno foi offerecido ao conde de Montemolin que o recusou. Com este plano prendiam outros de diferentes monarchias na America; e ácerca de Buenos Ayres e Rio da Prata alguma coisa se deve saber em Portugal.

Esta carta é já muito extensa, e por isso a termino aqui.

CORRESPONDENCIA.

Illm.º snr. redactor

Assisti á representação do lindo e mimoso drama do snr. Camillo Castello Branco = *Espinhos e Flores* = que os artistas desta villa levaram á scena na noite do 1.º do corrente no pequeno mas regular theatro que aqui acabam de organizar, e digo-lhe com franqueza que fiquei maravilhado do desempenho do drama por curiosos, que pela primeira ou segunda vez pisaram o palco, os quaes nada deixaram a desejar a alguns actores de profissão, que das cidades de Lisboa, Porto, e outras, tenho visto; assim como a scena comica e a farça correram com tal regularidade, que a todos admirou, e os artistas sem a menor distincção são dignos dos elogios que lhe foram dispensados pelo numeroso e luzido auditorio, tendo varias chamadas onde freneticamente

foram applaudidos, e sobre tudo no final do espectáculo. A galeria estava apinhada de bellas e sympathicas damas, e estas adornadas com gosto, elegancia, e riqueza, que nada deixavam a desejar ás das grandes cidades: os cavalheiros da plateia superior eram das principaes familias e nobreza, não desmerecendo em nada o conceito dos da plateia geral, sentindo só que nestas e na galeria não houvesse mais espaço, por quanto muitos ficaram sem poder entrar porque a enchente era real.

Finalmente foi uma noite de regosijo, como esta villa ainda não presenciou.

A commissão nomeada pelos artistas para os dirigir, cumprio o seu dever, e muito concorreo para o aceio e regularidade com que desempenhado foi o espectáculo: trata-se de arranjar casa com as dimensões precisas para definitivamente collocarem o theatro.

Aos artistas damos os nossos cordeaes parabens, e esperamos que os louvores merecidos lhe servirão de estímulo para continuarem na gloriosa tarefa que tão nobremente começaram, estabelecendo nesta villa uma escola de moralidade e instrucção para o povo, como é o theatro, onde se premeia a virtude, corrige e estigmatiza o vicio e o crime, sendo a arte dramatica uma profissão nobre, que todos os governos protegem e premeiam.

De v. etc.

Monção 3 d'Abril de 1861.

NOTICIAS DIVERSAS.

ERRATA. — Em o numero 47 deste jornal, deo-se um erro que não pôde passar sem correção. Na 3.ª columna da 3.ª pagina debaixo da epigrafe — *alfinetes* — aonde se lê: — Até ao anno de 1823 — devehêr-se: — Até ao anno de 1843 —.

MOVIMENTO ELEITORAL. — A candidatura do sr. Joaquim Januario de Souza Torres e Almeida foi retirada do Circulo da Povoia de Lanhozo para se propôr por ali o sr. Antonio Theophilo d'Araujo, que é de Lisboa. O sr. Joaquim Januario vai propôr-se por villa Nova de Famalicão, por onde se contão já 4 candidatos.

NOTA FRANCEZA. — O snr. marquez de Loulé teve uma conferencia com o ministro francez sobre a nota a respeito das irmãs francezas da caridade, mostrando-lhe o direito que a nação tinha de regular, como regulou, este negocio. Parece que o ministro francez se dera por satisfeito. Diz-se que o governo vai redigir um relatório de tudo, para ser presente ao governo francez.

BOATOS. — Falla-se na demissão do snr. conde de Thomar da missão diplomatica no Rio de Janeiro, e na de seu filho o snr. João Road da Costa Cabral de secretario geral de Santarem.

NOVOS PARES. — Corre o boato de serem com effeito nomeados pares do reino os snrs. Costa Lobo — Joaquim Philippe de Soure — Ferrer — A. Herculano — Miguel do Canto — Augusto de Loulé — e José Bernardo da Silva Cabral.

JUSTIÇA DIVINA. — Em Colmaer effectuou-se ha poucos dias uma prisão que motivou grande sensação.

Apparecera havia dois annos o cadaver de um homem arrojado pelas agoas do rio, e em estado de putrefacção. Foi considerada a morte como resultado de um accidente, e fez-se o enterro, não havendo consolações nem conselhos que fizessem minorar a afflicção da pobre viuva do afogado que se desfazia em pranto abraçada á sua unica filhinha.

Ha dias achava-se esta creança n'uma casa de campo ao pé da habitação de sua mãe. Nessa casa entrou um caçador e pôz sobre a mesa um

corvo ferido na cabeça. A menina ao vêr a cabeça ensanguentada e cahida do passaro, exclamou:

— A cabeça d'aquelle passaro está cahida para o lado como a do papá, quando a mamã lhe bateu com um martello.

A menina foi immediatamente interrogada, e em consequencia das suas revelações e das mais diligencias a que se procedeu: conheceu-se que a joven e galante viuva assassinára dois annos antes o seu marido, lançando o cadaver ao rio a distancia de meia legoa do seu domicilio.

VARIÉDADES.

BOM OFFICIO. — Um padre dizia a um ladrão, que estava no oratorio: — porém, irmão, porque não aprendeu um officio com que podesse viver mais tempo, rica e honradamente? — Bom officio era o meu, padre, se a justiça se não houvera intromettido nos meus negocios —.

[Da Epoca].

MAU JOGO. — Um ratão hespanhol, destes que consideram a politica como um jogo, imaginou todas as nações jogando, e eis-aqui o estado em que elle as pinla:

« França ». — Levanto a mão; tenho triumphos, não faço caso dos mates, e ganho por força.

« Inglaterra ». — Baralho, jôgo e mando o resto.

« Austria ». — Tenho muitas biscas, mas receio dos maladores.

« Alemanha ». — Receio fazer vaza.

« Hespanha ». — Tenho um rei, um cavallo e quatro sotas.

« Portugal ». — Tenho muito mau jôgo, não pesco nem um triumpho.

« Russia ». — Fico-me, e espero triumpho.

« Turquia ». — Para qualquer parte que olhe levo capote.

« Prussia ». — Se querem um bom conselho, não joguem mais.

« Napoles ». — Descarto-me do rei.

« Piemonte ». — Não sei como hei-de jogar, e quero ganhar por força.

« Suissa ». — Entro agora, peço cartas.

« O Papa ». — Por falta de triumphos, passei.

« America ». — Temos perdido, perdemos, o perderemos.

« Suissa ». e Dinamarca ». — Nós por hora só queremos vêr, não jogamos.

(Do Luso)

QUANDO SE DEVEM ABRIR AS CARTAS. — O bispo Huet, celebre pela sua erudição, não abria cartas á noite antes de se deitar, nem de dia antes de jantar, e dava esta razão: — é mais ordinario trazerem as cartas noticias ruins do que boas; e eu não quero procurar por minhas mãos coisas que me tirem o sonno ou a vontade de comer.

COMO SE CONHECEM OS NESCIOS. — Eis-aqui os diversos meios, ou os distinctos caracteres, pelos quaes pôde ser conhecido o *nescio*:

1.º Porque se enfada sem motivo.

2.º Porque falla fóra de tempo.

3.º Porque se fia de qualquer.

4.º Porque falla sem razão nem conhecimento.

5.º Por querer saber o que lhe não importa.

6.º Por não saber distinguir o seu amigo do seu inimigo.

NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

Quasi toda a imprensa de Madrid, com a noticia da dissolução da camara dos deputados, se tem occupado ultimamente de nós, advogando a necessidade de virificar-se a união iberica. Parece que só attende ao seu desejo, e attento o nosso estado indefeso, e censuravel redução que o governo fez ultimamente no nosso exercito, julgam consegui-la tanto de prompto como um hespanhol fuma uma cigarrilha. Esquecem a historia, o antagonismo, os brios de nacionalidade, o compromettimento dos interesses, e o nosso valor, para acalantar um sonho que é impossivel realizar-se.

As noticias de Napoles são accordes em que se empregam meios em favor da monarchia do principe Luciano Murat. Para frustrar qualquer tentativa diz-se, que Victor Manoel vai mudar para Napoles a sua residencia por algum tempo, e que uma forte esquadra ingleza irá ali estacionar-se.

A Inglaterra, e a Suissa reconheceram officialmente a Victor Manoel como rei da Italia.

Em Turin acreditava-se que a retirada das tropas austriacas dos districtos do Pó era um movimento strategico, com a ideia de que deixando desguarnecidos aquelles paizes, seriam invadidos por alguns voluntarios italianos, e dariam pretexto para principiar as hostilidades.

A Hungria exige novas concessões, que nem Mr. Sechmrling, nem o imperador se prestam a fazer.

Nos portos de França, e de Inglaterra estão-se aprovisionando fortes esquadras, que se diz que partirão immediatamente para reforçar as forças que estão na Siria.

Despachos telegraphicos.

TURIN, 1.º — A Gazeta annuncia que se descobriu uma conspiração nas Romanias e nas provincias modeneseas, em que tinham parte varios voluntarios licenciados do exercito meridional. O objecto da conspiração era provocar uma collisão com os austriacos. O governo tem adoptado disposições a fim de evitar semelhantes tentativas.

AGRAM, 1.º — Houve uma refrega na Herzegovina, proximo de Bibec. Os turcos repeliram os ataques. A guarnição turca segue sempre encerrada em Niksec. Os turcos em numero de 15,000 homens soffrem muito e carecem do mais necessario. Os bachibozugs fazem temer insubordinações.

PARIZ, 2.º — Chegam noticias de Londres annunciando que a Inglaterra ha reconhecido o governo de Juarez no Mexico, e que a França o reconhecerá tambem.

Em Manchester e outras cidades britannicas reúnem-se numerosos meetings reformistas, cujas resoluções são intimar ao Gabinete que se retire, em attenção a que governa com as doutrinas do partido tory.

PARIZ, 1.º — A «Patrie» diz que em Napoles se estava firmando uma exposição em que se pedia o reinado do principe Murat; exposição que já reunia 80.000 assignaturas.

VARSOVIA, 1.º — Karnicki é chegado. Publicou-se um rescripto que explica e completa as concessões annunciadas. O principe lugar-tenente foi nomeado presidente do Conselho de Estado. O principe recommenda ordem e tranquillidade.

TURIN, 1.º — Inglaterra e Suissa declararam que receberam o ministro da Sardenha como ministro da Italia.

GENOVA, 2.º — Garibaldi sahio de Caprera, e no Domingo chegou a Genova. Crê-se que vá a Turin.

PARIZ, 2.º — É official a noticia de que o imperador d'Austria se nega a fazer novas concessões aos hungaros.

PESTH, 2.º — Os deputados que tem chegado estão resolvidos a que não se abra a Dieta de Hungria.

LONDRES, 2.º — O «Times» diz que a questão de Holstein é a mais perigosa para a paz.

PARIZ, 3.º — Um ukase do imperador da

Russia confirma as reformas promettidas aos polacos, e offereceu maiores, se por sua conducta se fizerem credores a ellas.

O «Times» manifesta temores d'uma proxima guerra em Holstein.

O mesmo jornal convida o imperador Napoleão a que reconheça o novo reino de Italia.

VIENNA, 2.º — Ha noticias de Herzegovina.

Em 22 e 23 houveram em Blatovay sanguinolentos combates.

Aqui continua a crise ministerial

TURIN, 3.º — Garibaldi acaba de chegar aqui e foi recebido com grande enthusiasmo.

A indisposição do Santo Pontifice teve lugar estando officinando, porém não apresenta gravidade alguma e continua perfectamente.

AGRADECIMENTO.

Antonio de Lima e Miranda, Patocho nesta Villa de Barcellos, não lhe sendo possível recordar-se do grande numero de pessoas, que na enfermidade que ultimamente teve, affluirão a visital-o, e offerecerem-lhe seus serviços; não pôde por isso testemunhar-lhes pessoalmente, como desejava, e devia, o quanto se acha penhorado pelas não equivocadas provas de sympathia, e amizade, que por tal occasião, dellas recebeu e como assim, consigna aqui para constar, o seu testemunho de gratidão e eterno reconhecimento.

ANNUNCIOS.

CASA FELIZ
PORTO

Loteria da Misericordia de Lisboa.

1.ª EXTRACÇÃO DO 2.º TRIMESTRE.

SORTE GRANDE

R. \$ 9:000:000.

CUNHA & RORIZ

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Jnnho de 1860.

Tem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.º 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.º 96, bilhetes inteiros, a 6\$600, meios ditos, a 3400, quartos, a 1700, cautelas de 500 reis e 250, cuja extracção terá lugar no dia 11 de Abril.

Satisfazem todas e quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe; e remetem aos seus freguezes as listas dos premios.

OS MESMOS venderam da ultima loteria 2ª parte do seguinte premio em cautelas de 500 e 250 rs.

N.º 3025 300\$000

ALBUM DE DEZENHOS
PARA
CROCHET, CRIVO, E PONTO DE NÓ.

Assigna-se na loja de Joaquim Alves Vallongo e Sousa, rua Direita n.º 30, onde tem um n.º para mostra.

Não se recebem assignaturas por menos de um anno, pagam-se 3 mezes adiantados, ou 480 rs. com a entrega do 1.º n.º de cada trimestre.

PREÇOS
Por anno ou 12 n.ºs 1\$920
Avulso \$240

(81)

PUBLICAÇÕES LITTERARIAS.

BIBLIOTHECA DAS DAMAS.

COLLECCÃO DE ROMANCES ESCOLHIDOS,
DEDICADA ÀS
SENHORAS PORTUGUEZAS E BRAZILEIRAS.

Publicou-se o n.º 6 da 2.ª serie, e o 2.º tomo da 3.ª parte dos Siganos da Regencia, *Mademoiselle Lucifer*, que terminará com o n.º 7.º, seguindo-se-lhe a 4.ª parte que vem a ser *As Primeiras Nupcias*; porém entre a 3.ª e 4.ª parte será distribuido aos snrs. assignantes um outro romance em dous n.ºs seguidos como promettemos no prospecto.

A Bibliotheca assigna-se e vende-se no Porto, rua do Bomjardim n.º 67; em Coimbra, na livraria do snr. José de Mesquita, rua da Calçada; e em Lisboa, na do snr. João Paulo Martins Lavado, rua Augusta.

Não se tomão assignaturas por menos de 12 n.ºs a 150 reis cada um estampilhados, ou 120 sendo entregues nesta Cidade.

O formato da *Bibliotheca das Damas* é em 8.º, e cada n.º não contera menos de 6 folhas de impressão, ou 96 paginas; porém quasi todos contêm 7 e 8 folhas; tambem se não vendem n.ºs troncados, porém quem quizer qualquer dos romances completos publicados nesta colleccão, poderá havel-os nos locaes acima indteados a 200 reis cada volume, on n.º da *Bibliotheca*.

ARCHIVO JURIDICO.

Commercial, Civil, Ecclesiastico e Militar.

PUBLICAÇÃO REGULAR DA LEGISLAÇÃO PORTUGUEZA.

Distribuiu-se o n.º 4 que contem toda a legislação inserta no «Diario de Lisboa» n.º 140 a 188, de 22 de Junho a 21 d'Agosto ultimo, na qual se comprehendem as novas leis tributarias e seus regulamentos.

Já está no prelo a 2.ª folha do numero 5, com o qual ficará quasi em dia a legislação do anno passado.

O *Archivo Juridico* tem resolvido dar principio no n.º 7, á publicação das ORDENAÇÕES DO REINO, que depois serão seguidas do *REPORTORIO* das mesmas ordenações, e de fórma, que tanto a legislação antiga como a moderna, possa encadenar-se e colleccionar-se separadamente.

Cada n.º do *Archivo* contêm 10 folhas de impressão, em 8.º grande, e papel superior.

Não se tomão assignaturas por menos de 12 n.ºs a 400 reis cada um, pagos no acto da entrega, sendo no Porto ou Villa Nova de Gaya; e para as provincias acrecece o importe das estampilhas calculado em 60 reis cada n.º — Aos assignantes de fóra do Porto ou Villa Nova de Gaya, não se remette n.º algum; sem que tomem assignatura por 12 n.ºs pagando 6 adiantados, que impo. lão em 2760, sendo-lhes enviados francos de porto, e competentemente encapados.